

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO III LISBOA, 5 DE JANEIRO DE 1919 N.º 61

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1\$40 || ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . . \$70 || ANO 3\$00

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO || REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA || EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) - TEL. 2337 C. - LISBOA

O "SUD-EXPRESS", E O RAPIDO DE MADRID

CONSTA-NOS que muito em breve serão restabelecidos: o *Sud-Express* e o rapido de Madrid. É necessario que assim seja, porque concorrência não lhes ha de faltar; o que lhes faltará, por vezes, são lugares para o imenso publico que os ha de utilisar.

Do Brazil começam a chegar os primeiros paquetes abarrotados de passageiros, e entre nós começam a fazer-se planos de viagem a Paris e a local da terrível guerra.

Não é só porem, para esses comboios de luxo que se deve olhar, mas tambem para os nossos rapidos do Porto e comboios correios de outras linhas. Urge dar remedio, e de vez acabar com o emprego de cavacas, como combustivel. Chegámos á ultima em materia ferro-viario, e é preciso, a bem da vida nacional, que o serviço se normalise de vez. Não queremos, porem, que voltemos ao serviço de julho de 1914, em que trez comboios rapidos circulavam de Lisboa para o Porto e do Porto para Lisboa, e em que nas linhas de Oeste havia quatro comboios entre Lisboa e Caldas, e que para a Beira Baixa e para o Algarve se dispunha de um horario que, se por vezes, não servia capazmente em materia de organização, sobejava em numero de comboios e de kilometros percorridos por estes.

Somos sempre partidarios de poucos comboios, mas que na organização das respectivas marchas se atenda ás varias circunstancias am que o publico os deve utilisar.

Se neste momento não podemos pôr, para linhas em que havia quatro comboios, mais do que dois ou do que um, que esses sejam de molde a bem

servir o publico, e que as demoras não sejam, no entroncamento, de forma a passar-se uma eternidade á espera do comboio de enlace.

São restabelecidos o *Sud-Express* e o rapido de Madrid, necessario se torna tambem o restabelecimento dos rapidos do Porto, pelo menos do que de Lisboa sahia de manhã, e á tarde regressava do Porto, por cujo serviço espera a companhia da Beira Alta para restabelecer o seu comboio omnibus n.º 3 com a marcha com que circulou em 1906, e que permitia dar uma rapida e comoda ligação com Paris, ou seja com o percurso entre as duas capitães reduzido a duas noites, emquanto que actualmente são precisas trez, e cujo conforto no trajecto portuguez é uma desgraça.

Por outro lado, é tambem necessario que o rapido de Madrid passe a circular diariamente entre as duas capitães, restabelecendo tambem a ligação que anteriormente existia, directamente com Barcelona, e com Medina e Hendaya.

Tambem do Porto se deve começar a facilitar ao publico as viagens a Paris, por Barca d'Alva, com o restabelecimento do rapido de Medina, que permitia — e agora melhor permitirá — o enlace com os expressos Madrid-Medina-Hendaya.

Como actualmente está, não pode continuar, porque o actual comboio correio do Douro, além de muito moroso, não tem por vezes o enlace na fronteira, o que ocasiona aos viajantes uma grande contrariedade, visto não existirem mais do que um mau restau-

rante em Barca d'Alva, e um pessimo hotel.

A ocasião é pois azada para o restabelecimento dos comboios directos, que assegurem aos passageiros as comodidades a que tem direito.

Na visinha Espanha, trata-se já, não só de restabelecer os antigos rapidos (e que bem poucos foram suprimidos), como tambem de lhes accelerar as marchas, modificando-lhes as composições com as mais confortaveis e modernas carruagens.

Bem sabemos que ha a necessidade de fazer sacrificios para o restabelecimento dos serviços paralisados ha quatro anos; mas a economia nacional assim o exige.

Já um jornal alarmou que a vida em Paris está carissima e que não se tem um razoavel hotel por menos de 35 francos por dia; mas, acreditem os pessimistas, esse preço não fará recuar os viajantes curiosos e as senhoritas.

Todas as companhias de navegação começam a fazer as suas carreiras para a America do Sul, já intensificando o numero d'elas, já anunciando para breve um novo reforço de paquetes; e no Brazil começa — como aqui tantas vezes — o pessimismo a manifestar-se por um certo receio de que não haverá paquetes para em dois anos trazerem á Europa os passageiros que n'estes seis mezes querem viajar.

Lá, como cá, tambem ha novos ricos, e para esses nada é caro; e que o digam os hoteis das nossas thermas e praias que este ano estiveram abarrotados de hospedes, embora os preços fossem o quadruplo que do anteriormente.

Por toda a parte se nada em dinheiro, e sabê-lo atrair, é, neste momento, o grande papel dos que querem triumphar.

GUERRA MAIO.

ANNO NOVO

A grande alegria pelo termo da pavorosa guerra mundial e as retumbantes manifestações que por esse historico facto echoaram por todo o mundo, não tiveram, infelizmente, entre nós, a repercussão sufficiente para dominar os impetus politicos que tanto tem perturbado, ha anos a esta parte, toda a vida portugueza. Assim, as festas de fim d'ano que em Portugal, como de resto entre os povos latinos, são consagradas por grandes e sensíveis manifestações de sentimentalismo, passaram, n'este ensombrado final de 1918, sem aquella expansão que por longas epochas foi a característica preciosa da nossa raça.

E' tanto mais para lastimar que assim tivesse succedido, quanto é certo que o sentimento da familia que nos portuguezes se distinguia por uma muito completa irmanação especialmente sentida por essas occasiões festivas, vem perdendo toda a poesia, toda a doce ventura que se gozava out'ora, quando se caminhava n'uma simples evolução progressiva, talvez menos consentanea com o espirito da epocha, mas sem duvida bem mais feliz para a vida dos povos.

Não sendo, porem, nossa a missão de orientadores dos destinos da humanidade, registamos, apenas, estes factos com sentida magua e tristeza; esperançados, todavia, que um doce e salutar viver volte ainda a assentar arraiaes n'este lindo riudo do mundo. E, assim, expressamos aqui os nossos mais fervorosos votos para que o ano que acaba de iniciar-se marque, tambem, o inicio d'uma nova era de prosperidades, de bem estar, com o socego que é absolutamente indispensavel ás nações, para que possam livremente trabalhar e beneficentemente progredir.

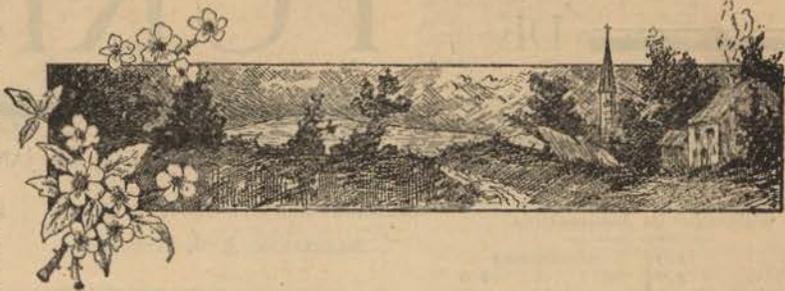


Sendo este o primeiro numero da Revista de Turismo, que se publica no novo ano de 1919, a todos os que nos honram com o seu concurso, assignantes, annunciantes e demais colaboradores, enviamos a nossa mais calorosa saudação.

Serviço rapido de correios na Peninsula

HA em Hespanha uma corrente favoravel ao estabelecimento de serviços postaes nos comboios expressos de forma a tornar mais rapidas as comunicações não só de Madrid com Paris e Barcelona mas tambem d'estas tres cidades com Lisboa, uma vez restabelecidos os antigos comboios.

Oxalá esta ideia não fique no esquecimento, e o correio passe a fazer-se de Lisboa para Madrid de um dia para o outro, e não com a demora de dois dias como succedia antes da guerra, apesar de haver um rapido entre as duas capitães.



O TURISMO EM PORTUGAL

ESTADO DA QUESTÃO

E' positivamente para desanimar o abandono a que, pelas nossas instancias officaes, tem sido votadas as questões mais vitaes para o nosso Paiz. Tudo quanto se relacione com a mais simples medida de fomento; tudo quanto possa representar um beneficio para a Nação; tudo, emfim, em que não entre o interesse immediato e directo da esfomeada clientela politica, é systematicamente posto de lado, em todas as situações e com quasi todos os homens.

Chegámos a um periodo em que as nações que querem viver se aprestam com fervor para a grande luta economica, resultante da tremenda guerra politica que ensanguentou perduravelmente o Mundo.

Aquelas onde o espirito de previsão tem estado ao serviço d'uma culta intelligencia, foram-se preparando de forma a, chegado o momento oportuno, se apresentarem promptas para essa luta, na disposição de, o mais facilmente possivel, ganharem as melhores e mais favoraveis posições. Assim, emquanto confiadamente se esperava a hora da proclamação da victoria final, as discussões futeis, sobre a politica respectiva ou sobre as diferentes phazes porque a tremenda luta ia passando, apenas interessavam aos politicos e aos technicos, que menos cuidavam dos preparativos da administração futura; e as questões vitaes que a seguir a assinatura da paz convinha ter solucionadas, a fim dos seus resultados se fazerem beneficentemente sentir por uma immediata e rapida acção, toram objecto dos mais sollicitos e aturados estudos, por parte d'aquelles que se impuzeram a obrigação de zelar pelo futuro da sua patria.

Falamos, é claro, d'uma forma generica, excluindo — bem entendido — o nosso Paiz.

O que se tem feito, porem, em Portugal como preparativo para essa não

menos incessante lucha em que o mundo está prestes a entrar?

Referindo-nos, propriamente, ao que interessa á causa porque esta Revista vem pugnando em tres anos consecutivos, podemos responder a essa pergunta com a mais singela, phrase: **Nada.**

Nada, em relações; nada em viação; nada em estradas; nada em transportes; nada em hospedagem; nada em facilidades de acesso aos nossos portos; nada em vantagens aduaneiras; nada em correspondencia e permuta de serviços; nada em instalações directas e complementares ou subsidarias; nada em escolas profissionaes interessando ao turismo; nada em projectos de administração dos serviços de vilegiatura, congregando-os sobre a autonomia d'uma direcção especial com os mais amplos poderes; nada em propaganda, — em resumo: absolutamente nada.

Admirar-se-hão, certamente, os que lêem este artigo, d'esta rude e cruel confissão, em face da existencia de duas entidades especiaes no assumpto: a Repartição Official de Turismo e a Sociedade Propaganda de Portugal.

E' facto. Mas o que não é menos positivo é que tudo quanto elas tem feito, nada se vê e pouco se sabe. E esse resultado deve-se a muitos e variados factores, entre os quaes sobressahem, pelo seu maior destaque, os vicios de origem com que nasceu o Conselho de Turismo e a Repartição anexa.

Na simples phrase d'um critico, esses dois seres constituem um aborto gerado, n'um momento infeliz, por um qualquer *estadista* acephalo.



Não sabemos se no nosso paiz alguma coisa se toma a sério. No que respeita ao turismo, podemos assegurar

convictamente que tudo quanto se lhe refere nos dá a impressão de ser o resultado de simples caprichos infantis.

Não ha, até agora e desde que em Portugal se começou a pensar em *turismo*, uma medida, uma obra, a resolução d'um problema, que nos indique uma orientação sã, uma continuidade de ação promette-lora de fundos e proveitosos benefícios para a economia nacional, para o desenvolvimento do commercio e das indústrias, para o estreitamento de relações com os outros povos, para a permuta de vantagens mutuas, para a reciprocidade de

serviços, d'onde tivessem resultado já, ou venham a resultar o engrandecimento da nossa patria e o seu profundo conhecimento pelas outras nações.

Nada de proveitoso se tem feito. E, com franqueza, se continuarmos seguindo pelo mesmo caminho, só temos — nós que nos atiramos a este mar porceloso na esperança de auxiliarmos o salvamento do naufrago — de fazer acto de contrição de haver-mos tão mal empregado o nosso precioso tempo e o melhor da nossa energia.

JOSÉ LISBOA.

A NAVEGAÇÃO AEREA

O GRANDE PROBLEMA DO FUTURO

E' ainda este, apesar das multiplas preocupações do momento, o problema que continua a absorver a atenção dos que estão empenhados em legar á posteridade não só mais um feito retumbante da sciencia contemporanea, mas, tambem, um beneficio de inestimavel valor para as futuras relações entre os diversos povos, assim como um elemento de poderoso auxilio para o desenvolvimento das descobertas dos paizes ainda desconhecidos, nas partes onde a lucta pelo ideal não poudo, por emquanto, fazer erguer o seu pendão.

E tanto interesse este grande problema mostra nas suas diferentes equações, que não nos devemos admirar das surpresas que, de momento, elle nos mostra, principalmente no que respeita ás applicações que os aviões ou aeroplanos poderão vir a ter e nos serviços que lhes incumbirá desempenhar n'um futuro mais ou menos remoto.

A ultima novidade a tal respeito é a que se refere á exposição apresentada pelo Dr. Kellas á Sociedade de Geographia de Londres, sobre a utilização da navegação aérea na exploração das terras ainda desconhecidas.

«Virá um dia — disse o conhecido cientista — em que o aeroplano poderá voar sobre os desertos da Arabia, as cordilheiras da Venezuela, o monte Atlas e talvez mesmo sobre os diferentes picos do Himalaya.»

Se fôr realisavel esta ideal perspectiva, não ha duvida alguma de que ella virá a constituir um grande auxiliar para a sciencia cartografica; do que resultarão incalculaveis beneficios

para a futura instrução e para a disseminação da actividade das gerações vindouras.

Parece-nos, porem, que será bom pôr de reserva quaesquer apreciações sobre os resultados das primeiras tentativas que n'esse sentido se realisarem, especialmente sobre os montes do Himalaya, pois sabido é que elles atngem uma altitude de 24 a 27.000 pés, e que a semelhante altura o ar se rarefica sensivelmente.

Acresce, ainda, a difficuldade de se fazer ali uma *atterrissage*; e essa difficuldade não será facil de remover.

Portanto, a idéa de passar sobre os altos picos d'esse territorio, levará ainda, pelo menos, cem anos para ser realisavel — como disse — na mesma conferencia o referido geografo inglez; se bem que devamos ter em conta não só o grande desenvolvimento que a navegação aérea ha de tomar, depois de definitivamente firmada a paz, mas ainda as phases avançadas que se hão constatar progressivamente na sciencia que lhe diz respeito, e que está já sendo cultivada com um extraordinario interesse.

Restabelecimento dos expressos internacionaes

SEGUNDO informações recentemente publicadas nos jornaes estrangeiros, pensa-se em restabelecer, muito em breve, alguns dos comboios expressos que tinham sido suspensos em virtude das interrupções internacionaes e das difficuldades provenientes da grande guerra.

Alfredo Pinto (Sacavem)

ESTE nosso estimado e distincto colaborador, que uma pertinaz doença tem impossibilitado de nos prestar a sua muito valiosa colaboração, acha-se quasi restabelecido, devendo em breve, segundo nos promete, enviar-nos alguns artigos, a que a sua vasta erudição dá sempre um muito especial interesse.

Alfredo Pinto (Sacavem), que é um dos escriptores contemporaneos de grande nomeada, conta, em breve, fazer publicar duas novas produções suas: uma novela intitulada *Por muito amar* e um livro *Almas portuguezas*, que por certo, merecerão o mesmo entusiastico acolhimento que tem sido dispensado ás suas obras já consagradas.

A este nosso querido amigo desejamos um prompto restabelecimento e a sua proxima vinda ás columnas da *Revista de Turismo*, onde é sempre justamente apreciado.

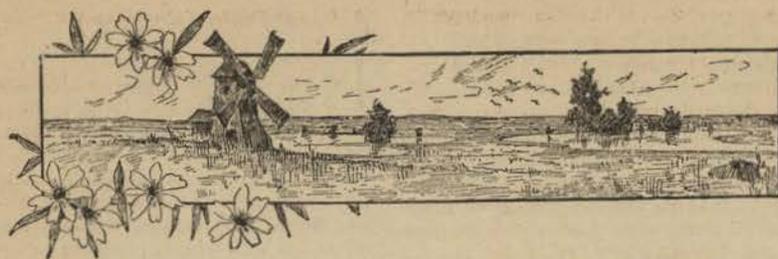
Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado

Mercê do ultimo regulamento que organisou o novo Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado, foi nomeada uma comissão executiva composta pelos illustres engenheiros Pinto Osorio, Brito Taborda e Moraes Sarmento, pessoas de alta capacidade e intelligencia e de senso pratico, pelo que felicitamos os Caminhos de Ferro do Estado, por lhe raiar, por este motivo, uma nova esphera de vida, de que bem necessitados estão.

Uma referencia especial queremos porem fazer, ao sr. Moraes Sarmento, a quem conhecemos de perto, pelas suas elevadas qualidades de trabalho e pela competencia e zelo com que vem presidindo á construção das novas linhas do Sul e Sueste, o que já tivemos occasião de aqui citar quando tratámos da linha do Vale do Sado, um modelo de perfeição e solidez que muito o honra e ao paiz.

E' pois de justiça esperar uma administração de largas vistas, e que leve em breve a convencer muita gente que o Alentejo não é uma charneca, nem o Algarve uma esquecida provincia.

Todo aquelle que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.



EM VIAGEM . . .

NOTAS SOBRE O JOELHO

EM ESPINHO

SEGUIMOS hoje a nossa descrição. Em Coimbra a demora foi curta, o bastante para descansarmos; porque, antigamente, quando os comboios rápidos nos levavam em menos de seis horas ao Porto, e com paragens nas estações matematicamente marcadas pela tabela do horario, havia tempo até para uma curta visita. Hoje, com os atrasos com que os comboios andam sempre e com a falta de comodidades que n'elles ha, as viagens só se podem fazer por «étapes»; o que, de resto, para quem não tem pressa, não é desagradavel.

Uma jornada de automovel levou-nos ao Bussaco, pela estrada do Botão, que melhor seria chamar-lhe dos *Barraucos* porque o macadan tinha desaparecido, deixando a estrada n'um perfeito baracal.

Oh! estradas, oh! automoveis, quando sereis o complemento um do outro?...

De Coimbra sahi pelo comboio da tarde. Uma hora caminhada, estava em Pampilhosa; e cinco minutos depois, tomavamos lugar á meza do restaurante, que é memoravel por n'ele servirem sempre a sopa a ferver, principalmente em dias de calor, facto esse que tem já larga tradição, assim como pelos preços que são mais escaldantes ainda...

Mas, vamos lá. A sopa não estava muito quente, porque o dia tempestuoso tinha arrefecido um pouco a atmosfera; e para os hospedes aquerem, havia no bufete bons cognacs. a... 600 mil reis cada calice, pouco mais ou menos.

Dez. diminutos depois, um empregado annunciou á porta que o comboio ia partir. Tinhamos apenas cinco minutos para ingerir o resto do jantar; mas o criado, com vagares cuidadosos, trazia-nos ainda o prato do meio. Berrámos, então, todos, a um tempo, como se fosse um coro ensaiado, que: *queriamos jantar e não estavamos para perder o comboio, nem sahir sem comer.* O prestimoso creado chegou, então, á porta, a ver os preparativos para a partida do comboio; e como notasse que este estava já pres-

um prato, que, com a pressa com que estavamos, não reparamos que não vinha fumegante.

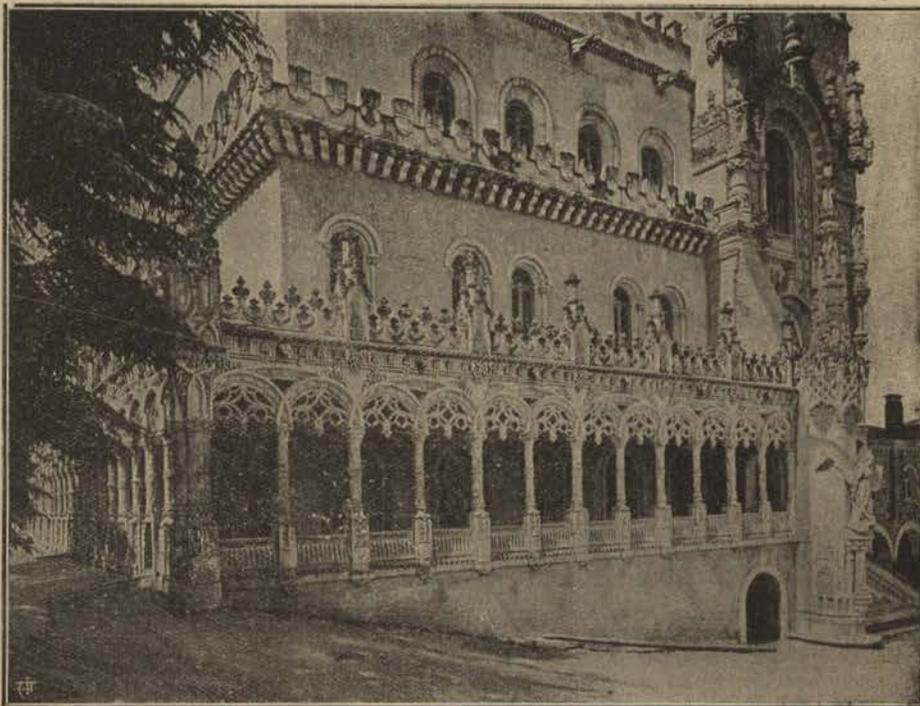
Estendemos o garfo, para maior rapidez em nos servimos; mas os bicos escorregaram... Levantámo-nos irados para protestar, e a nossa raiva subiu ao rubro, dando-nos vontade de lhe amachucar a bocheda balofa.

O que o miseravel trazia n'aquelle prato, era a conta, sim, a positiva conta d'um serviço de que simplesmente nos utilisamos... pelo meio.

Abalámos, atirando-lhe com dez tostões. A despeza devia ser menos, porque o maldito serventuário, n'uma curva servil e enojante, dobrou a espinha em arco, com um agradecimento lamuriado.



Partimos. Os nossos companheiros do jantar, mais cautelosos e previdentes, abasteceram-se com as fructas, o pão e a garrafa do vinho que povoavam a nossa meza; tendo tido tambem a feliz lembrança de embrulhar nos guardanapos os croquettes que jaziam ainda na travessa que ficara para nos servirmos. Enquanto se verificava o *inventario* do que tinha vindo para a



BUSSACO - UM TRECHO DO PALACE HOTEL

carruagem, um dos companheiros, n'uma expansão de feliz alegria, vociferou ironicamente: «Ladrão que rouba a ladrão, tem cem anos de perdão.»

...Mas não houve nenhum furto,

tes a sahir, foi, de um pulo, dentro do bufete, para que o resto do menu fosse rapidamente servido.

Todos os comensaes louvaram esse acto de energia, e o desejo que ele manifestou de abreviar o serviço. Porém, a breve trecho, aparece ele com

porque aquilo tudo ficou pago e bem pago.

Momentos depois aparecia-nos a Curia com os seus hotéis iluminados, o casino e o parque; tudo aquilo, rente á linha, á espera que o comboio ali páre, o que talvez d'aqui a cem anos



ESPINHO - PASSAGEM DA LINHA FERREA

o faça, agora é preferível a estação de Mogafres, a trez kilometros...



O comboio lá foi ronceiramente marchando, com demoras pachorrentas em todas as estações, até Espinho; e áquela hora — tarde bastante — talvez meia noite, a famosa praia tinha ainda a vivesa das primeiras horas da noite. As luzes ras casas e nas lojas pronunciadas de vida alegre e intensa, deixaram-me bem disposto. Aqui repetiu-se quasi a scena da Figueira.

Os hotéis trasbordavam; os corretores cabeciam de sono, e um que se acercou de mim, meu velho conhecido, matreiro e astuto, como é da regra, disse-me que tinha lá um quartinho nada mau, d'onde se via o mar, e o preço não era demasiado: cinco mil reis, fóra vinho, doces e café. Não havia remedio se não aceitar.

A' porta da entrada, fui logo perfumado com um cheiro tremendo a refugados, que me deixou um pouco acebolado... Subi.

O quarto era no ultimo andar, com uma larga janela para o pateo. O seu recheio constava de uma mobilia antiga, macrobia. O espelho, safado já de grande parte do aço certamente pelo muito uso que lhe devera, pendia para a comoda, com o desalento de quem pede aposentação. O lavatorio anichava-se a um canto, tendo por triste companheiro um regador desazado.

Explicou-me, depois, o corretor que

um hospede certamente «bochevick» lhe arrancára a aza, sem dizer a razão porque assim tinha procedido. — Quem sabe se algum amôr mal correspondido teria sido o motivo d'esse acto de desespero... ou de beneficencia para o pobre regador, porque, certamente estaria já farto de andar de aza cahida...

— Azares da sorte...

Procurei, depois, a janela que dava para o mar; e como a não visse, interroguei admirado o meu cicero. O bom do homem abriu então um postigo que no alto da parede se anichava como a vigia d'uma caravela, e trepou a um degrau feito d'uma velha caixa de vinho do Porto. E n'um diapasão de entusiasmo, atrahiu-me:

Suba V. Ex.^a. — Venha vêr que lindo está o mar. Olhe que encanto!

Trepei ao caixote e atravez uns telhados já meio bolorentos pela ação do tempo, descobri a custo uma linha do oceano, onde, áquela hora, um hiate, com as suas duas velas latinas erguidas, deslissava suavemente iluminado pelo brilho scintilante d'um meigo

selheiral. Por isso, reservo o resto das minhas impressões para o momento em que o socego me volte e as recordações não me despertem novas excitações...

ESPINHO - UM PESCADOR



João da Ega.

O MERCADO AGRICOLA

VAE adiantada a construção do novo mercado agricola, junto ao mercado do peixe que lhe ficará anexo.

O actual mercado, aquele hediondo barracão da rua 24 de Julho, é uma das maiores vergonhas de Lisboa, e o dia em que ele desaparecer, conjunctamente com o provisório barracão da estação do caminho de ferro de Cascaes, é caso para a cidade marcar um novo passo no caminho do progresso e do asseio.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra Figueira da Foz, Guarda, Cintra e outras terras do paiz.



AVEIRO - Capela de Nossa Senhora das Barrocas

luar. No dia seguinte voltei a vêr o mesmo barco, onde um rancho de banhistas, rindo sobre a tolda, alegra-

ARTE E LITERATURA

VEADO REAL

POR GERVASIO LOBATO

SEMANAS depois da sua infeliz *soirée masqué*, e conselheiro Torres, depois de ter almoçado o seu café com leite e o seu pão de bico com manteiga sósinho, às nove horas, enquanto suas filhas se espreguiçavam ainda na cama, d'onde só se levantavam lá para o meio dia, lustrava o seu grave chapéu alto, com o seu fofinho lenço de seda cheio de ornatos amarelos, phantásticos, complicados, sobre fundo escarlate, e preparava-se olhando, satisfeito consigo, o espelho, para sair, para ir para a sua repartição, quando uma forte campainhada, inesperada áquella hora matinal, á sua porta, o fez ter um ligeiro sobresalto.

Quem seria áquellas horas? pensou o conselheiro ao ouvir aquella campainhada grosseira, brutal, de porta de quinta, parecendo de lustrar o chapéu e escutando os passos da cosinheira pelo corredor.

Era um gallego com um grande embrulho, n'um papel forte, azul, cheio de nodos de sangue escuro, e uma carta.

— Isto é para aqui? perguntou o gallego dando a carta.

A cosinheira para a não sujar envolveu os dedos gordurosos no avelal de riscadinho azul, pegou no sobrescripto por um dos cantos, cautelosamente, e veio á saleta ter com o conselheiro.

— O' senhor, isto é para cá?

O conselheiro Torres pegou na carta e leu.

— Conselheiro Torres. E', é para cá.

— E', sim senhor, gritou a cosinheira pelo corredor fóra indo á porta ter com o gallego, que lhe entregou o embrulho.

— Ih! que maldito cheiro! Parece que é coisa podre! disse a cosinheira pegando no embrulho e afastando o nariz, toda enjoada.

O conselheiro entretanto abriu a carta. Era um bilhete de visita do dr. Fromigal, com estas linhas escriptas por baixo do nome:

«Envia ao seu amigo o sr. Conselheiro Torres, uma peça de veado real, morto nas ultimas caçadas de Villa Viçosa pelo sr. infante D. Augusto.»

— Oh! veado real morto pelo sr. infante! disse o conselheiro com um sorriso contente, áquella Fromigal está muito bem relacionado, e voltando-se para a creada:

— Diz lá que fico muito obrigado e que á vista darei os agradecimentos!

— Não quer dar nada ao homem?

— Ah! sim! toma lá um pataco.

E deu um pataco á creada mas ficou pensativo.

— Um pataco; por um veado real é pouco! O' Engracia!

A cosinheira voltou atraz.

— Nada, não se póde dar só um pataco, o veado é real: dá-lhe meio tostão.

E tirou da algibeira dez réis.

A Engracia foi dar o recado e o dinheiro ao gallego.

O conselheiro dirigiu-se respeitoso para o embrulho, mas de repente parou, e fungando murmurou:

— Oh! senhores, que cheiro que aqui está!

E abriu o embrulho quando a cosinheira voltava curiosa a ver o que era.

Eram umas costeletas muito negras, cobertas de sangue coahado.

— Ai! que porcaria! exclamou a Engracia tapando o nariz.

— Pateta! reprehendeu offendido o conselheiro. Isto é veado real, entendes?

— Pois sim, mas cheira que tresanda.

— Cheira mal, concordo, cheira mal, mas é real. Isto é um prato delicadissimo. Vou mostral-o ás meninas. Vão ficar contentissimas.

E o conselheiro, pegando no embrulho do veado, foi por alli fóra ao quarto de suas filhas.

O quarto estava todo ás escuras; elle disse á criada:

— Abre ahí uma greta da janella.

E approximando-se das camas gritou:

— O' Carmo, Carmo!

— O que é? o que é? gritaram as quatro meninas Torres, acordando assustadas.

— E' um presente!

— Oh! que cheiro que está aqui, papá, queixaram-se todas.

— E' do maldito presente, denunciou a cosinheira.

— Idiota! reprehendeu o conselheiro, mostrando as costeletas ás suas filhas:

— E' veado! é veado!

— Tire para lá isso, papá, que fedor!

— Fedor? E' real, meninas.

— Parece uma peste... mande deitar já isso fóra, gritou muito enjoada a menina Sabina.

— Deitar fóra veado real, morto pelo sr. infante... Estás doida.

— Eu não o como!

— Nem eu!

— Nem eu!

— Nem eu!

— Tolas! um prato magnifico!

— O que? o papá gosta d'isso?

— Não gosto mas é um prato magnifico!

— Olhe, lembrou a Carmo, mande-o aqui ao lado, á D. Angelica.

— E' verdade ao meu compadre... lembra bem... mando-o para o meu afilhado, coitado, nunca lhe dei nada... O peor é se o dr. Fromigal vem a saber.

— O que? Foi o dr. Fromigal que mandou isso? perguntou a menina Sabina, sentando-se na cama.

— Foi.

— E' um prato muito delicado, disse ella. Não mande isso embora.

— Mas...

— Veado real!... E' raro!...

— Sim, mas cheira como peste, disseram as outras manas.

— E' o cheiro d'elle.

— Por isso mesmo é que é preciso mandal-o embora, replicaram as outras.

E o conselheiro, pegando n'um bilhete de visita seu, escreveu: — «Offerece ao seu afilhado para o almoço.»

E mandou o bilhete e as costeletas de veado ao Justino, para almoço de seu afilhado, que tinha sete mezes de idade!

□□□

Em casa do Justino o veado fez profunda sensação e profundo mau cheiro.

O Justino, que se preparava para ir tambem para a sua repartição, apressou-se em ir a casa do compadre agradecer a sua lembrança.

Entretanto sua mulher defumára as casas e embrulhava o veado em muitos papeis para o mandar para fóra, de presente a alguem.

O Justino voltou radiante:

— Isso é um prato excellente! E' veado real morto pelo sr. infante.

— Não presta para nada, disse a mulher atordoada já com o cheiro.

— Pois sim, não presta para nada, mas é excellente! Imagina, veado caçado pelo condestavel do reino.

— Eu vou mandal-o á mamã, o que dizes?

— A' minha sogra? Mandá já, já, menina, respondeu jubiloso o Justino, é um bello presente, cheira que parece um cano.

E o veado foi para a Lapa, para casa do Philippe Martim, o nobre Martim e o Justino foi para a repartição, levando no nariz veado real para todo o dia!

□□□

Quando o Philippe Martim chegou a casa para jantar, logo á porta perguntou, tapando o nariz:

— O que é isto? Andam a arranjar a pia?

— Não, senhor, respondeu-lhe a criada, foi um presente que a menina mandou á mamã.

— Um presente com este cheiro? Nós não estamos no entudo.

O Philippe subiu e encontrou sua mulher de cama, com dores de cabeça causadas pelo cheiro do veado.

— Nada, é preciso mandar já isto para fóra de casa!

□□□

Ás sete horas da noite, quando o conselheiro Torres se dispunha a sair para ir até á Aurea jogar o seu gamão, bateram á porta.

A creada foi abrir e voltou com um sacco.

— Aqui está isto que vem de casa do sr. Philippe Martim.

— O que é? perguntaram as meninas, vindo a correr.

— E' o veado! disse com profunda desconsolação o conselheiro tapando o nariz.

— Tire para lá isso! tire para lá isso! bradaram em côro as meninas Torres.

— Nada, um veado morto pelo sr. infante não se póde perder.

— Olhe, mande-o á parteira da D. Angelina; o papá só lhe deu dois mil réis, lembrou a Sabina.

— Lembra bem, approvou o conselheiro.

E o veado foi para casa da D. Leonarda, da parteira!

□□□

No dia immediato de manhã, ao almoço, a criada do conselheiro apresentou ao patrão e ás meninas uma condessinha, que lhes mandava o sr. Bastinho.

— O que será? disse o conselheiro abrindo a condessa.

E recuou espavorido: era o veado!

E as costelletas já o conheciam tanto, que pareciam querer saltar-lhe para o collo, sorrindo-lhe como a um amigo velho.

— Mande-me já esse demonio para o meio da rua, gritou furo o conselheiro.

— O' papá, lembrou a menina Carmo, olhe: mande as costelletas ao tendeiro cá de baixo; a gente é-lhe obrigada... elle fia.

— Tens razão... é verdade que me chamou Moysés, mas sempre fia.

E disse á criada:

— Vae lá abaixo á tenda, dá isto ao Francisco, que lhe mando eu, que é veado real!

Vê lá não te esqueças! — Veado real! Diz-lhe que foi morto por sua alteza!

E não poderam acabar o almoço, porque o veado espalhara na sala um cheiro nauseabundo, que enjoara todos.

□□□

N'essa noite, ás onze horas e meia, quando o conselheiro

se ia a metter na cama, ouviu uma violenta campainhada na porta.

O conselheiro pôz-se em pé assustado, em ceroulas, e disse aterrado ás filhas:

— Vão lá vêr o que aquillo é!

N'isto ouviu-se á porta um grito de terror saltado pela cosinheira.

— E' fogo? E' fogo? perguntou espavorido o conselheiro.

— Não, senhor, é o veado, respondeu pallida de commoção a creada, entrando no quarto com as costelletas.

E o cheiro espalhou-se implacavel pela casa toda.

Era o veado que lhe mandava o continuo da sua repartição, que o recebera do Bastinho.

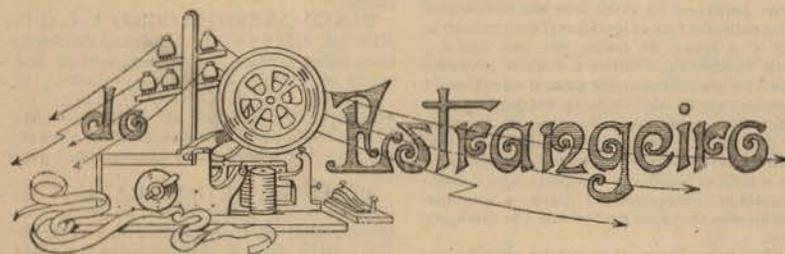
Então o conselheiro muito grave, heroico, resoluto, disse: — Nada! é preciso acabar com isto! Amanhã cheiraria peor ainda e d'aquí a oito dias seria nm foco d'infeção!

E tornando-se a vestir, envergando a sua sobrecasaca preta, pegou no embrulho do veado e, acompanhado pelas quatro filhas e pela creada que levava a luz, desceu os quatro lanços de escada, e foi enterrar as fataes costelletas do veado morto por sua alteza, nas profundezas insondaveis do barril do lixo.

E entretanto as multidões gulotonas lambiam os beiços, cubicosos, ao lerem nos jornaes a noticia dos vedados mortos na tapada!

□□□

MORALIDADE. — Quantas coisas ambicionadas ha n'este mundo, que no fim de contas não passam de veado real!



FRANÇA

O transafricano.

EM O N.º 51 d'esta Revista, referido a 5 d'agosto ultimo, inserimos um interessante artigo do nosso Redactor-principal, sobre o projecto de construção do caminho de ferro transafricano, cuja conclusão, deduzida dos convincentes argumentos n'ele expostos, era que não seria facil a realisação d'essa idéa.

Esse substancioso artigo, que foi d'uma excepcional oportunidade, serviu para acalmar alguns espiritos muito propensos á facil concepção das mais extravagantes fantasias e que, na realisação do projecto do transafricano, viam a mais terrivel concorrência ao porto de Lisboa.

Desfeitas, pois, já, as apprehensões que ensonbraram esses espiritos, não nos peza voltar ao assumpto, para darmos algumas informações sobre o proseguimento d'essa idéa, que não foi ainda posta de lado.

Segundo as noticias que recentemente chegaram aos centros turisticos da França, a Companhia do Caminho de Ferro de Orleans entregou já, no Ministerio das Obras Publicas, o pedido de concessão para a exploração d'uma linha Paris-Dakar, por Tanger.

E' claro que a realisação d'esta linha comprehende a construção d'um tunel sob o estreito de Gibraltar, depois do que se espera seja construido sob a Mancha.

Ora, como muito bem disse o nosso Re-

dactor-principal, no seu acima citado artigo, o governo inglez parece não estar possuido d'um grande interesse pela construção d'este ultimo tunel, isto é — da ligação submarina entre a Gran-Bretanha e a França; todavia, a Companhia de Orleans mostra-se esperanças em que essa ligação venha, em breve, a ser um facto real e, por isso, não hesita em se propôr á realisação dos dificeis e dispendiosos trabalhos de construção do tunel submarino sob o estreito de Gibraltar, afim de ligar por meio de rails o porto de Algeciras, ou talvez mesmo o de Tarifa, a Tanger.

Creemos, porem, que esse trabalho, apesar de todas as facilidades concedidas pelo governo Hespanhol — que na efectivação d'esse projecto antevê um farto impulso para firmar e consolidar a situação economica que poud grangear durante a guerra — não terá começo antes dos que os do tunel sob a Mancha estejam iniciados. Portanto, até á realisação d'esse facto, que, certamente não será n'estes tempos mais proximos, não nos doa a nós a cabeça; mesmo porque levados que eles sejam a efeito e iniciada a exploração d'essa linha (quando será???) a sua concorrência não produzirá grandes — ou mesmo nenhuns males a Portugal e, em especial, ao porto de Lisboa, nas suas relações com a America do Sul.

Quanto á sua ligação com a Colonia do Cabo, que é o mais principal objectivo d'esse projecto, é possivel que venha a ser contrariada pela concorrência com as carreiras maritimas inglezas, que agora ficam tendo o predomínio das viagens para a Africa Austral.

Vê-se, pois, que, apesar das boas tentativas que se estão fazendo para levar a bom termo essa grande empreza, os entraves que se lhe antepõem são de molde a dar-lhe uma tardia realisação; tanto mais que a somma de capitaes avaliada para esse fim foi computada em 300 milhões de francos, ou seja aproximadamente a pequena bagatela de 60.000.000\$00 — sessenta mil contos! — em moeda portugueza.

Só o custo de cada metro do tunel sob o estreito de Gibraltar, está calculado em 2 contos de reis!

Por aqui e por tudo o mais que facilmente, se deduz d'esta noticia, se pode comprehender que a pratica d'essa idéa não é tão facil como á primeira vista se afigura.

A reconstrução das provincias invadidas.

A penetração americana na Europa vem se fazendo pela grande porta da França que lhe foi gentilmente aberta de par em par.

A satisfação do convite feito aos yankees foi já, decerto, muito alem da expectativa, para o que, tambem, muito tem contribuido os successos occorridos depois da assinatura do armisticio.

Devemos, porem, frizar o facto de se encontrar hoje, na Europa continental, uma grande percentagem da população norte-americana, o que certamente terá consequencias n'um futuro proximo, tanto mais que a estada do Presidente Wilson em França é um facto da mais alta significação.

Assim, o estabelecimento de relações tem-se feito facil e rapidamente, ao ponto de se ter creado já, em França, a *Sociedade de Socorros Franco-Americana*, especialmente destinada a prestar os seus servicos na grande republica latina.

Esta Sociedade acha-se instalada em Paris, na Rue Grenelle, tendo por presidente o sr. Charles Prince.

No cumprimento da idéa a que obedeceu a sua constituição, ella tem já feito distribuir numerosos socorros pelos refugiados das provincias que foram invadidas pelo inimigo durante a guerra; e ultimamente, organisou

uma sessão espiritual na sede do «Touring Club de France», na qual o sr. Luiz Forest, ilustre publicista parisiense, fez uma conferência sobre a agricultura na França, precedida pela exhibição e descrição d'um projecto de uma casa desmontável, cujo typo foi creado pela Sociedade Franco-Americana e que se destina a prover ás necessidades mais instantes das referidas provincias.

Movimento turistico.

A Repartição Nacional do Turismo, o serviço de propaganda do Ministerio dos Negocios Estrangeiros e o «Touring Club de France» organisaram em 1917 uma visita especial aos Alpes, em honra dos representantes, em Paris, da imprensa sul-americana, como então noticiámos.

Os resultados d'essa primeira tentativa d'uma nova propaganda em favor da França foram de tal modo esperançosos que foi novamente posta em pratica a idéa d'uma outra visita, a fim de mostrar, aos actuaes correspondentes americanos em Paris, as belezas e as originalidades dos Pirineos.

Para esta nova viagem, organizada sob o mais estudado e cuidadoso programa, foram convidados os seguintes jornalistas: Matheu, consul geral da Republica do Salvador, em Paris, e correspondente do *Diario del Salvador*; Ernesto Martin, consul geral da Costa-Rica e correspondente dos jornaes *Information e Prensa Libre*; Vicente Lapido, correspondente da *Tribuna Popular*, de Montevideo; capitão Montarroyos, do *Jornal do Comercio*, do Rio do Janeiro; Rey de Castro, da *Prensa de Lima*, do Peru; Halmar Thomson, da *Union de S. Thiago do Chili*; José de Frias, do *Universal*, do Mexico; Facio Hebequer, da *Nacion*, de Buenos Ayres; Francis de Mionandre, do *Cromos*, de Bogota (Colombia), do *El Guante*, de Guayaquil (Equador) e do *Rio Jornal*, do Rio de Janeiro.

Alem d'estes excursionistas, tomaram tambem parte n'essa interessante visita os srs. Brousse, deputado pelos Pirineos, Gascogne, Secretario Geral da Federação dos Syndicatos d'Iniciativa de Guyenne Gascogne-Pyrineos; e Combellán, presidente da Federação Longuedoc-Pyrineos.

O caminho percorrido foi: Biarritz-Toulouse, passando por Hendaya, Cambo, Salies de Béarn, Pau, Lourdes, Cauterets, Luchon, Saint-Girons, Fonte Romeu, Le Vernet, Saint-Martin du Conigou, Perpignan, Rivesaltes, (onde o marechal Joffre fez as honras da recepção na casa onde nasceu) Quillan, Limoux e Carcassonne.

O entusiasmo que despertou, nos jornalistas a quem a visita foi oferecida, a descrição preparatoria d'essa viagem, foi o feliz preambulo das noticias que, a tal respeito, eles fizeram depois publicar nos seus jornaes.

Se a visita realisada em 1917 foi fanaticamente descrita nos jornaes da America do Sul, com um entusiasmo de colorido talvez excessivo, as noticias que relatavam a excursão realisada ultimamente devem, com certeza, produzir a maior emoção em França e nos francezes que estão preparando, a toda a pressa, a casa para receberem os seus novos convidados.

Eis como em França se está pensando no futuro e trabalhando para a sua breve realisação. Nenhum esforço é poupado; nenhuma idéa deixa de ser aproveitada desde que, nos seus resultados, ela represente um beneficio para o desenvolvimento e engrandecimento da França.

SUISSA

QUE toda a gente veja bem que bor toda a parte a concorrência turistica se organisa e que os esforços mais inauditos são postos em pratica para atrahir os estrangeiros.

E' este um periodo bem explicito d'um interessante artigo publicado no ultimo numero do Boletim do *Touring-Club-Suisso*, a proposito do «turismo e automobilismo», porem, mais expressamente dedicado ao turismo no interessante paiz helvético.

Se bem que a Suissa tenha sido considerada uma nação de turismo por excellencia, parece ter-se chegado agora á conclusão de que a concorrência dos estrangeiros até o começo da guerra fazia-se mais pela atração das belezas naturaes do que propriamente pelas condições que eram oferecidas pelos suissos. Assim vê-se que a organização turistica, propriamente dita, era deficiente; e isso prova-se com a azafama que se vem pronunciando para a organização d'um programa a que obedecam os serviços do turismo, a fim de evitar ou atenuar tanto quanto possível o desvio de forasteiros que, em consideravel numero, anualmente povoavam as thermas e estações de repouzo n'aquelle paiz.

Prova-se d'esta forma que nem só as belezas naturaes ou artificiaes são suficientes para satisfazer as exigencias d'essa industria que é a maior de todas, por isso que é a mais complexa. Outros e muitos diversos motivos são necessarios para a canalisação e conservação do viajante estrangeiro; e esses dependem mais da acção do homem, do que propriamente das condições em que ella se exerce. Tudo vac, porem, da obediencia a uma organização completa, que é absolutamente indispensavel para a administração dos serviços do turismo em qualquer paiz.

E' da falta d'essa organização que a Suissa se está já resentindo, mormente n'este momento em que as nações experimentadas n'essa industria, como a França e a Italia, estão desenvolvendo toda a sua actividade para a atração do turista. Por isso, as suas associações especiaes procuram estabelecer a cohesão que é indispensavel para a forma d'essa direcção que ha de administrar, com o criterio que é indispensavel, todos os serviços que dizem respeito ao turismo na Suissa, ligando correlativamente os diversos ramos de manciara a dar-lhes não só um desenvolvimento paralelo como uma utilização sufficientemente aproveitavel.

Eis as maiores preocupações que incidem sobre os centros de turismo no paiz helvético e que tambem apoquentam aqueles que teem a incumbencia directa de zelar pelos interesses alheios tão bem como pelos seus proprios, pois que d'ahi lhes advem uma quarta parte no bem comum.

A união Suissa para a circulação.

A questão da circulação na Suissa é um dos assumptos que tem continuado a ser objecto de largos estudos e a tal ponto que para coordenar e reunir os esforços de todos que a essa questão teem dedicado uma parte da sua actividade, foi recentemente creada a *Comissão Inter-Associações de Circulação* sob o titulo de *União Suissa para a Circulação*.

A sede d'esta nova entidade, cujos estatutos, estão já aprovados, é em Genova; e o seu fim principal, segundo se acha descrito n'esse seu codigo, é o aperfeiçoamento da circulação por todos os meios possíveis.

EXPEDIENTE

Estando-se a proceder á renovação das assignaturas semestraes; solicitamos dos nossos assignantes a extrema fineza de nos enviarem a respectiva importância, poupando-nos assim ás avultadas despezas da cobrança pelo correio, que hoje ascendem a uma consideravel soma.

Confiamos n'esse generoso auxilio dos nossos prezados assignantes; o que antecipadamente agradecemos.

MUSEUS

PATENTES EM LISBOA

MUSEU DE ARTE ANTIGA, as Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, ás quintas feiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados, que está fechado.

MUSEU ANTHROPOLOGICO E GALERIA DE GEOLOGIA. Academia de Sciencias, todos os dias, precedendo licença, das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

MUSEU ARQUEOLOGICO, Largo do Carmo, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhado até 6 senhoras), \$20; crianças gratis.

MUSEU DE ARTILHARIA, largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

MUSEU D'ARTE contemporanea. Edificio da Bibliotheca Publica.

MUSEU DOS COCHES, Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

MUSEU COLONIAL E ETHNOGRAFICO Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUEZ, Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusiv' domingos, só se exceptuando as segundas-feiras e os dias de gala.

MUSEU DE HISTORIA NATURAL, Escola Politecnica, quintas feiras, 10 ás 16, outros dias, licença especial.

MUSEU NUMISMATICO, Bibliotheca Publica, todos os dias uteis, 12 ás 16.

MUSEU TIFLOGOLOGICO E BIBLIOTECA BRAILLE, para uso dos cegos, T. do Fala Só, 16, dias uteis, das 11 ás 15, com autorização do fundador, Branco Rodrigues.

MUSEU DA SOCIEDADE PROTETORA DOS ANIMAIS, rua de S. Paulo, 55, 2º Aberto nos dias uteis, das 11 ás 15. Instrumentos de tortura barbaramente empregados contra os animais domesticos.

MUSEU DE HIGIENE, rua da Cruz de Santa Apollonia, 25, quintas feiras, 12 ás 16.

Na nossa administração, Largo Bordoal Pinheiro, 28, se encontram á disposição dos srs. assignantes capas artisticas para encadernar o 1.º e 2.º annos da Revista de Turismo, que vendemos ao preço de \$20, cada uma, sendo o pagamento adiantado.